



Director literario:

*Arquês*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*Guarcollets*  
PAPUSSE



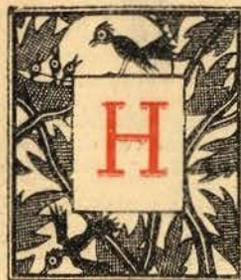
## OS DOIS INTRUJÕES E O COBIÇOSO

POR

MANUEL CABRAL CALVET  
de MAGALHAES

DESENHOS DE

EDUARDO MALTA



**H**AVIA na cidade Zualeta, que hoje já não existe, dois refinados intrujões chamados: um, Ali-Baratá, e o outro Soaligi, que tinham grande influência sobre quasi todos os habitantes. Julgando que era tempo de mudar o teatro das suas operações, resolveram passar para Halijá, por terem sabido que Arquís, secretário do rei, era um velho fraco, e muitíssimo rico e, além disto, pai

duma menina de rara beleza. Tendo combinado entre si o plano que deveriam pôr em prática, puzeram-se a caminho, — cada um por diversa estrada.

Soaligi, cercado de muitos criados intitulava-se um conde muito rico, encaminhou-se para um hotel duma aldeia pró-

xima da capital. Ali-Baratá entrou só em Halija, e tendo encontrado um templo desabitado fixou nêle a sua residência, e adoptou o sistema religioso. O rigôr aparente das suas rezas atraiu, bem depressa, a atenção de todos que o viam. Todas as manhãs ia apanhar ervas que ia molhar num rio. Esfregava com elas o corpo, lançava-se à água e nela mergulhava por grande espaço de tempo. Ao nascer do Sol, era visto a contemplar aquêle astro brilhante, dizendo que estava prestando serviços ao Sol. Entrando de novo no templo, atirava ao ar um ramo de flores, que todos os dias ia apanhar a uma floresta próxima. Depois, sentando-se, dizia que tinha feito uma oferta ao Céu, mas não dizia mais do que isto, a fim de não descobrirem que aquilo tudo era uma intrujice, pois se desconfiassem, podiam descobrir a combinação das suas tramas com o outro e mais intrujices.

Depois do meio-dia, coberto com a pele duma cabra montez preta, apoiado a um grosso pau, levando na mão uma cúia de côco, girava pela cidade, pedindo e colhendo



esmolas. Ele tinha bastante cuidado em distribuir publicamente o arroz que lhe davam por aquêlle motivo, partilhando-o em três quinhões, dos quais era destinado o primeiro para as galhas, o segundo para quem lho pedia, e o terceiro reservava para o seu sustento. Os habitantes da cidade, iludidos por aquelas intrujices, assim que o viam corriam a prostrar-se a seus pés, e começaram a dizer que Ali-Baratá era um santo mandado pelo céu para proteger os pobres.

Soaligi tendo sabido, pelo resultado das suas pesquisas, do bom exito da impostura do seu companheiro, julgou que era tempo de representar o seu papel. Em consequência disso, entrou na cidade, e alugou uma grande casa a pouca distância do palácio rial. Com a maior cautela pôs-se em comunicação com o seu sócio, e espalhava por toda a parte onde ia que conhecia o santo homem e que elle já o tinha curado duma doença muito perigosa.

Ali-Baratá só visitava Soaligi de noite e com a maior cautela; ccavam juntos, divertiam-se e combinavam os seus planos. Um dia, pela manhã, Soaligi enviou a Arquis, secretário do rei, um criado conduzindo um grande presente e uma carta, na qual lhe fazia saber que era um conde, de familia distinta e muito rico, que desejava entrar para a corte do rei. Dava-lhe a entender, ao mesmo tempo, que os serviços que elle lhe prestasse, seriam bem recompensados, e lhe daria duas peles de grande valor que até o rei ficava invejoso. O velho caiu na rede, e, cego pela cobiça, prometeu a Soaligi a protecção do monarca. Estimulado pelo presente que tinha recebido, não tardou a confirmar a sua promessa. Por sua recommendação, e influencia, Soaligi, foi engajado entre os fidalgos da corte do rei. Levou mesmo a sua protecção mais longe, na esperanza de receber novos brindes, pois deu ao suposto conde um quarto no palácio em que habitava.

Logo que Soaligi se estabeleceu em casa do seu protector, rogou-lhe que depositasse as suas joias no seu cofre particular, facultade que facilmente lhe foi concedida.

Estas joias, que eram numerosas e pareciam de grande valor, eram todas falsas, mas feitas com tal delicadeza, que o secretario do rei não desconfiou da fraude, e julgava que aquêlle depósito tinha um valor extraordinário.

Desde então Soaligi nunca comia e a tal ponto se reduziu o seu estado de magreza que parecia estar no último período da existência.

Então rogou a Arquis que chamasse algum padre ao qual elle pudesse fazer presente da sua fortuna, pela certeza em que estava de não poder viver muito tempo. O velho consentiu, mas em quanto vacilava na escolha do padre, um individuo que estava presente lembrou que se mandasse chamar o santo homem, que morava num templo ha tanto tempo desabitado, e que gosava de grande reputação na na cidade. Era Ali-Baratá, o sócio de Soaligi, que devia ir desempenhar o seu papel naquela intrujice. Arquis, approvou prontamente a lembrança, e como tivesse formado um plano, resolveu ir elle mesmo procurar o santo homem. Para este fim dirigiu-se á presença de Ali-Baratá, a quem testemunhou o mais profundo respeito, e lhe expoz o negócio nos seguintes termos:

«Um distinto conde, quasi próximo a exalar o último sopro da existência, pretende deixar-vos todo o seu tesouro o qual consiste em joias de grande valor, esperando da vossa virtude, lhe façais a graça de o aceitar».

Ali-Baratá respondeu, que não queria a fortuna, e que só trabalhava para o Sol, e que só queria viver modestamente mas não rico.

Aquella virtuosa repulsa, não só serviu para inflamar ainda mais, se era possível, o zelo de Arquis a ponto de tratar catequisá-lo fazendo-lhe uma grande historia da vida do mundo, comparada ás privações do retiro, demonstrando-lhe a superioridade que teria se possuísse uma grande casa e fortuna, para ser agradável ao Sol e util aos homens. Estes e outros argumentos conseguiram vencer a repugnância, que Ali-Baratá mostrava ter, dizendo-lhe este que só accitaria se lhe dessem para sua mulher, uma mulher muito boa e bonita. Arquis aproveitando-se no mesmo instante daquela declaração, ofereceu sua filha com a condição que Ali-Baratá lhe desse a rica herança do conde, obrigando-se ao mesmo tempo, elle, Arquis, a segurar-lhe uma decente e boa casa.

Depois de fingir pensar uns momentos, Ali-Baratá disse finalmente que queria casar com a filha do secretario do rei, deixando inteiramente as joias que se lhe destinavam á disposição do seu futuro sogro.

Arquis tendo o santo homem como um estúpido, felicitando-se do feliz exito do seu estratagema, deu-se pressa em cumprir as condições estipuladas. Chamou Ali-Baratá, para sua casa, casou com elle sua filha, e ao terceiro dia o

apresentou a Soaligi que affectou receber o suposto santo homem, com grandes demonstrações de respeito, recomendando-se ás suas orações, e oferecendo-lhe o cofre das joias falsas. Ali-Baratá aceitou-o, entregou logo a seu sogro, dizendo-lhe que elle se julgava inteiramente incapaz de apreciar o seu valor. Depois retirou-se com Arquis que estava num estado de contentamento enorme por se ver senhor de uma riqueza que elle com tanta avidéz apeterera.

No fim de algum tempo Soaligi, sentiu que a sua saúde se começava a restabelecer, attribuindo as suas melhoras ás orações do santo homem. Pela sua parte Ali-Baratá pouco a pouco se mostrava desgostoso do seu novo estado, declarando a resolução de não continuar, a viver com seu sogro e reclamando, ao menos, metade das joias, que lhe tinham sido dadas. Arquis, não querendo por maneira alguma repartir as joias, consentiu, para satisfazer as perleções do seu genro, em dar-lhe a casa que habitava, com tudo mais que possuia.

Em consequência daquela deliberação passado algum tempo, Arquis, se viu precisado de dinheiro, e para o obter tentou sacrificar uma das joias, que elle suponha de extraordinário valor. Os ourives a quem elle apresentou, admiraram o artificio com que estava fabricada a joia e disseram-lhe que era um cristal ou vidro colorido cravado em cobre sem valor nenhum. Aturdido daquela imprevista descoberta Arquis, levou-lhes o cofre, e todas as joias que elle continha foram declaradas falsas como a primeira.

Isto foi para o avarento secretario do rei um golpe enorme, que o deixou por algum tempo num perfeito estado de loucura, que lhe não permitia conhecer onde estava, nem o que acabava de acontecer. Quando, afinal, recuperou os sentidos, reconheceu que o sonho da sua riqueza tinha terminado, e, convenceu-se que se tinha deixado enganar.

O seu primeiro pensamento, foi de procurar e obter de Ali-Baratá, o dinheiro que lhe tinha dado. Para isto foi

procural-o, e sem que desse o menor indício da descoberta que tinha feito, propõe-lhe a entrega das joias pelo que lhe tinha dado. Ali-Baratá, respondeu-lhe que elle o que podia era não exigir mais nada e que o contracto que lhe propuera impossivel, porque o dinheiro que tinha recebido já estava todo gasto. Arquis vendo que por aquêle meio nada obtinha, foi queixar-se ao rei, e os dois cumplices, foram chamados para darem esclarecimentos. Ali Baratá, interrogado, respondeu que elle não tinha solicitado o contracto e que tinha declarado ser incapaz de reconhecer o valor das joias; que se ellas eram falsas, Arquis não podia acusá-lo daquilo, atendendo que era elle mesmo, quem se tinha oferecido para ficar com elas.

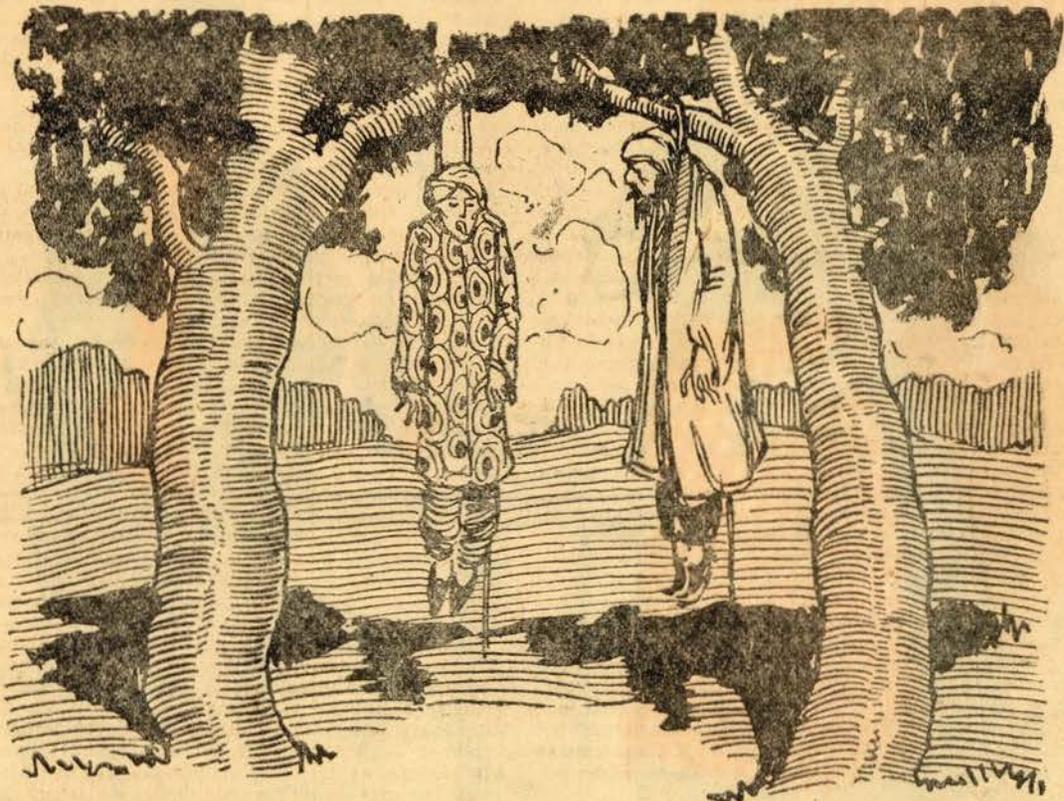
Soaligi protestou igualmente a sua inocência, jurando que não tinha sido sua idéa enganar-o, e dizendo que lhe tinham ficado na herança de seu pai, e, que não conhecia por modo algum o seu valor que no oferecimento voluntário que delas fizera ao santo homem não podia haver a menor intenção de enganar, visto o estado doente em que se achava.

Estes meios de defeza foram julgados verdadeiros, e os dois intrujões foram immediatamente absolvidos, declarando o rei que o que acabava de acontecer a Arquis, era uma justa punição da sua avareza.

Em consequência disso, Arquis, foi expulso da cõrte do monarca, prohibido de entrar no paço, retirando-se todo cheio de ridiculo tendo perdido por causa da avareza o seu dinheiro e a sua filha. Ali-Baratá e Soaligi ao contrário foram considerados homens de bem, que a fortuna tinha favorecido e as suas intrujices foram recompensadas pela amizade do rei, e a posse dum bem que elles mereciam tão pouco.

Passado tempo, Soaligi repetiu a mesma intrujice com Ali-Baratá noutra cidade mas dessa vez foram descobertos e condenados á morte, pois tudo se paga neste mundo.

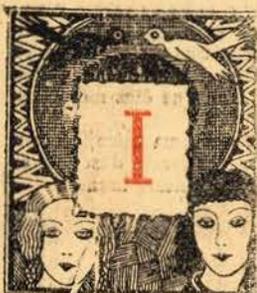
F I M





# CORAÇÃO DE MÃE

POR ABEL PEREIRA DA SILVA  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ISTO é que são horas de aparecer em casa?

—Então o que tem?

—O que tem!... o que tem!...

Você imagina, porventura, que eu hei-de estar sempre a sofrer isto... vir a que horas para casa... nunca me ajudar... gastando com uns e com outros a fêria que de tempos a tempos recebe... passando a sua vida quasi sempre na ociosidade... enchendo-se de vícios... frequentando as tabernas... isto

é uma vida horrível e eu não posso continuar assim...

—A mãe supõe, por acaso, que eu hei-de entregar-lhe aquilo que me dão do meu gånho... essa não estava má...

—Olhe que admiração... quem foi que o educou... que o vestiu... e calçou enquanto você não ponde ganhar?... Quem é que tem trabalhado como uma negra para o trazer limpo e aceiado, senão eu?...

Você não ignora, que o seu pae, quando morreu, não me deixou nada... ainda tive que trabalhar como uma desesperada para alcançar o necessario com que pagasse as despesas do enterro... contava eu que, tendo um filho, mais tarde seria recompensada dos sacrificios que estava fazendo, mesmo porque imaginava que ele seguiria o exemplo do pai, a quem nunca meteu medo o trabalho...





Afinal, as minhas esperanças desvaneceram-se, e o filho, em quem eu depositava confiança, saiu-me um mandrião... um vadio... um bebedo...

—Mãe, veja o que está dizendo... olhe que eu não aturo esses insultos...

—Insultos?!... pois serão por acaso insultos, estas verdades?... O que tens tu feito, meu valdevinos, para arranjar trabalho?... Lá de vez em quando, em te faltando o dinheiro para o vinho, arranjas um trabalho qualquer, mas, para não te cansares, só dura dois ou três dias, e isso, quando assim sucede, já é sorte... Depois, passas duas ou três semanas sem fazer nada... Chamei-te vadio, porque não considero trabalhador, o homem que passa a maior parte do tempo, sentado na praia... ao sol... a passear com indivíduos, patifes da peor espécie, bebendo com eles até cair... lembra-te do que fizeste ante-hontem, quando vieste para casa... a louça que partiste, quando entraste às escuras, e cambaleando, perdido de bebedo?... Com isto tudo não posso ter felicidade... nem espero, jámais, tê-la...

— Bem sabe que eu tenho procurado trabalho... e não o encontro...

— Quem é que te pode utilizar se tu não sabes fazer nada... Teu pai sabia o ofício de carpinteiro e ganhava bom dinheiro com a construção de carros... tu, o que sabes fazer?

— Pois se nunca me ensinaram.

— Ora não digas heresias... quando é que tu paravas em casa para teu pai se dedicar ao teu ensino... Coitado, morreu cheio de desgostos vendo que não podia fazer nada de ti... e eu vou pelo mesmo...

— Parece-me que eu não posso fazer mais do que faço... Admiro esse teu modo despreocupado com que estás falando... como se eu tivesse obrigação de sustentar um rapaz que já fez vinte anos... Pois não quero... não quero... amanhã falarei ao meu compadre ferrador e tu hás-de ir para lá... comer o pão que o diabo amassou... Não posso aturar isto... estou fraca... doente e vejo que a vida vai desaparecendo pouco a pouco... tudo por causa deste maldito.

— Ah! a mãe está com essas cousas, pois eu vou-me deitar.

— Vai, vai, porque eu posso cegar-me e atirar-te com algum diabo à cabeça,.....

Esta scena passava-se numa praia da linha de Cascaes, povoação, na sua maioria, composta de pescadores. Estava situada de forma tal, que o Oceano quando embravecia, obrigava aos maiores cuidados, para evitar os desastres.

Pelo alvorecer do dia em que se travou o dialogo entre a mãe e o filho, saíram para a pesca diversos barcos, mais ou menos numerosos tripulados, e, no ardor da faina, não deram pela aproximação duma furiosa tempestade.

Quando num momento de descanço, os maritimos reconheceram que o tempo ia mudar, trataram de collocar a proa em direcção á praia e fizeram á força de vela, os mais desesperados esforços para que a procela não os alcançasse em pleno mar.

Conseguiram o seu intuito os arrojados pescadores, e em pouco tempo a margem oferecia um espectáculo digno de admirar-se.

Quando, porem, todos regosijavam pela sorte que os acompanhara, pois a colheita fôra abundante, algum notou que ao longe aparecia, para em breve, com a violencia e altura das vagas, desaparecer como que naquele sitio houvesse um fundo abismo, onde se precipitasse, uma vela.

Agruparam-se, e feita a contagem, os pescadores reconheceram que faltava a Andorinha, uma canoasita, tripulada por dois companheiros, pai e filho.

Principiaram desde logo os comentários a respeito dos motivos que tinham originado a demora, e as probabilidades que os dois maritimos, tinham de chegar a terra sem incidente.

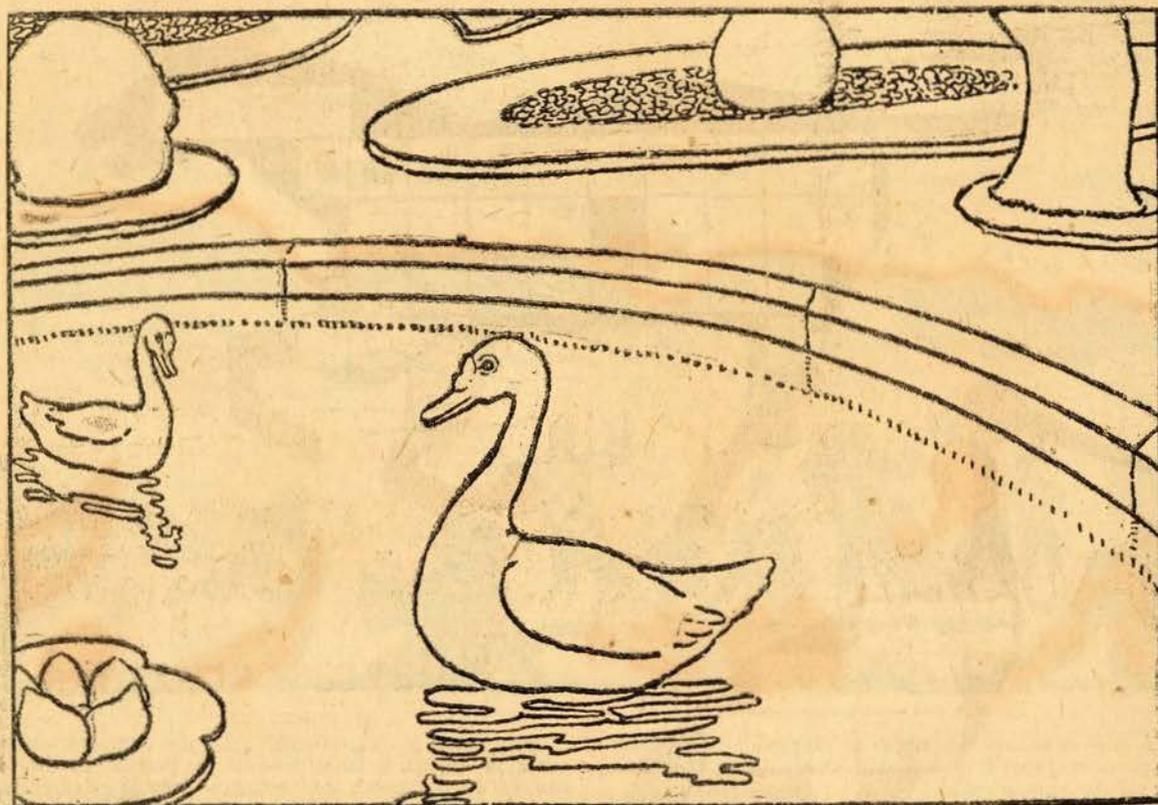
Em poucos minutos levantára-se um vento extraordinário do sul, e a mísera embarcação, apenas com um farapinho agarrado ao mastro, sustinha-se á flôr da água.

A maré enchia e este facto concorria um pouco para aproximar o barco da terra de onde onde distava já uns quinhentos metros.

De repente, uma ondulação extraordinária, motivada por uma rajada mais forte, fez voltar a frágil embarcação, e no mesmo instante os espectadores que assistiam na margem áquele embate, saltarem os mais estridentes gritos fazendo com que puzesse em alvorço toda a povoação.

As mulhéres gritando, umas de braços abertos, outras ajoelhadas, os homens correndo em várias direcções, não havendo um só que se afoitasse a lançar-se á agua em socorro dos naufragos, as crianças fazendo um berreiro ensur-

## PARA OS MENINOS COLORIREM



## As quadras populares ilustradas

Terminaram no número 105 do Pim-Pam-Pum! e até ao dia 25 de Dezembro esperamos as ultimas respostas para nos pronunciarmos definitivamente sôbre o melhor poeta ou poetisa populares.

dedor, tudo isto dava um tom comovente e ao mesmo tempo aterrador as espectáculo que se deparava aos olhos de toda aquela gente.

Entre tantas pessoas que ali se achavam ninguém se atreveu a ir em auxilio dos pescadores e parece que aguardavam qualquer auxilio desconhecido para livrar os dois homens das garras da cruel morte, que êles viam já bem perto.

Súbitamente ouve-se uma voz:— Já que, mais experimentados que eu não se atrevem, vou eu; e em seguida um rapaz, a correr e em mangas de camisa, saltou para a água, nadando em direcção ao local onde estavam os dois pescadores. A este tempo já um dêles trepara para cima da canoa, agarrando-se-lhe á quilha, mas o outro menos arrojado, ou não podendo fazer certos movimentos, tentava a muito custo sustêr-se á superficie.

O rapaz que se abalançara a ir em socorro dos dois naufragos, nadando vigorosamente, conseguira deitar a mão aos cabelos daquele que se achava em mais perigo e com um impulso forte colocara-o em terra firme e voltando de novo para o mar praticou igual serviço ao que se agarrara ao barco. Quando o rapaz, já um pouco extenuado, se aproximou da praia, uma explosão de aplausos, gritos, palmas,

ecoou, sendo recebido, pôde dizer-se, nos braços de toda aquela gente que o victoriou.

No meio de toda aquela multidão uma mulher de lágrimas nos olhos aproximou-se como a querer abraçar o herói da scena que se desenrolara. O rapaz ao deparar com a mulher, que não era outra senão a mãe, e lembrando-se da alteração que tivera, porque era aquele que no principio desta narração apresentei, exclamou:

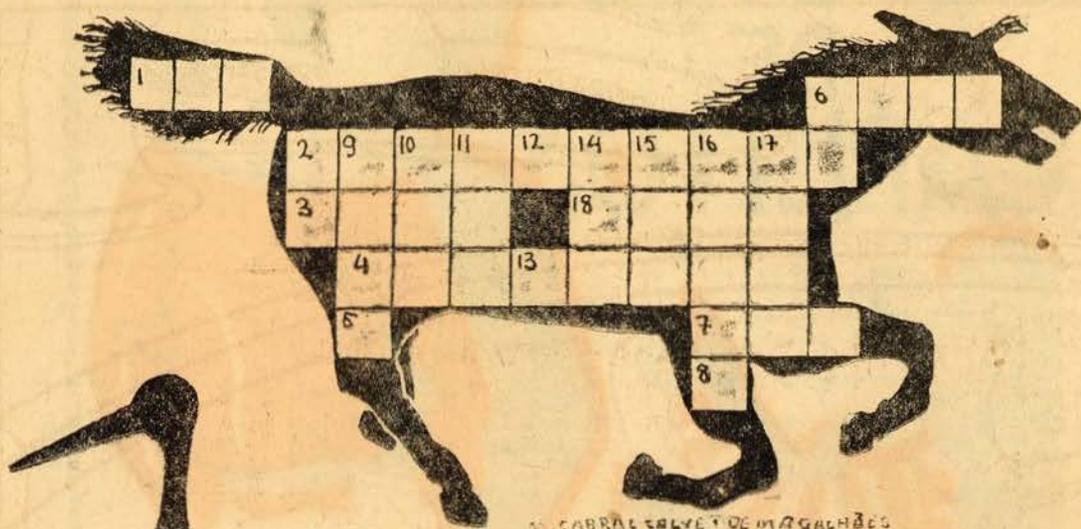
— Então, minha querida mãe, tenho ou não animo para o trabalho?

— Sim meu filho, tens, e vejo que me enganei. Considero-me feliz, e acções como estas fazem esquecer tudo o que se pense de mau e encham o coração de uma mãe de tantas felicidades, fazendo-lhe antever completa regeneração para o filho amado!

E daqui para o futuro, Artur assim ele se chamava, era o modelo de virtudes, que todas as mães apontavam aos seus filhos para que nunca deixassem de seguir todos os seus exemplos,

E ainda hoje vivem, numa cazinha á beira mar, uma velhinha e o seu filho chamado Artur. Com veneração e orgulho por possuírem na sua povoação estes dois entes, a população respeita-os e sente-se feliz.

# Jardim Zoológico

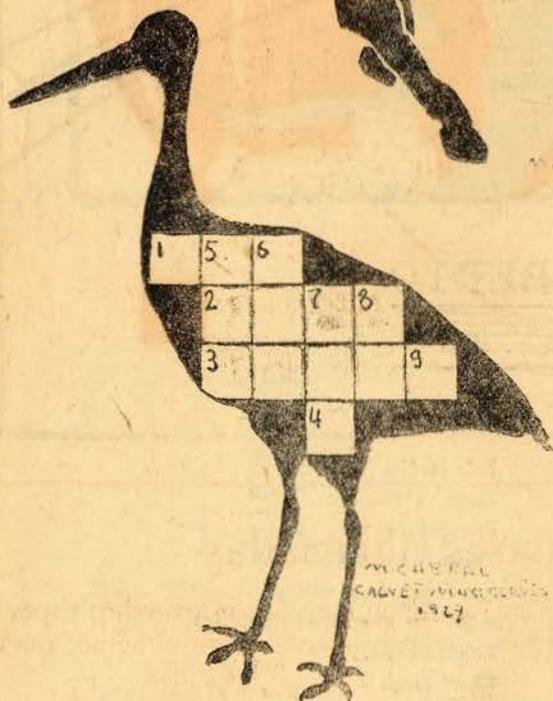


M. CABRAL CALVET MAGALHÃES

Fig. 1

## Palavras cruzadas

Fig. 1. — HORIZONTAIS. — 1, vaso de barro usado nos banquetes romanos para a mistura de vinhos. 2, que anda com rapidez. 3, espaço. 4, genero de plantas cariofiláreas. 5, consoante. 6, sarrafo. 7, o mesmo que trans. 8, vogal. 18, Peçolo. — VERTICAIS. — 2, ir. 6, designativo de repetição. 9, datas. 10, compreender. 11, três vogais. 12, consoante. 13, consoante. 14, rochedo. 15, Igual. 16, aquilo que ha de melhor numa sociedade. 17, dar a outra pessoa bens.



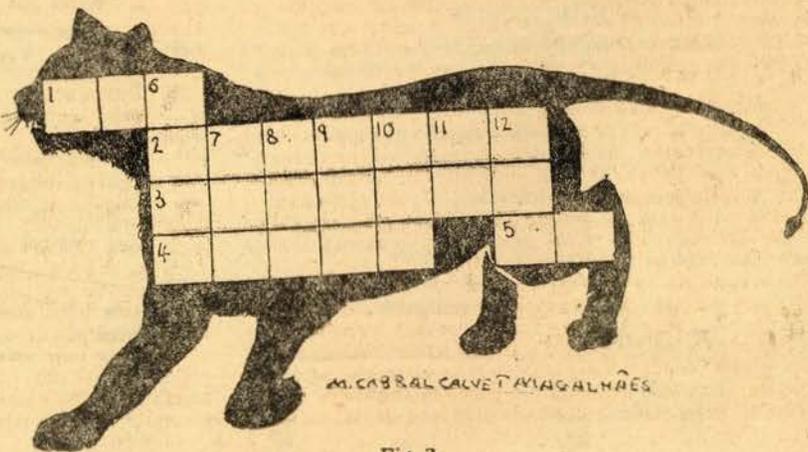
M. CABRAL CALVET MAGALHÃES  
1927

Fig. 2

Fig. 2. — HORIZONTAIS. — 1, constelação austral. 2, ervas daninhas, que aparecem nas searas. 3, peixe marítimo ordinário do Brasil. 4, fronteiras. 5, adverbio. — VERTICAIS. — 6, Mau humor. 7, costela inferior do boi. 8, fui enge-

nado. 9, época. 10, desembaraço. 11, uma vogal e uma consoante. 12, das cozinhas.

Fig. 3. — HORIZONTAIS. — 1, qualquer côr menos o branco e o preto. 2, antigo vinho da Madeira. 3, brinquedo. 4, abreviatura de Santo e de Sul. — VERTICAIS. — 1, sinal de compasso quartenário. 5, medida de comprimento entre os gregos. 6, Atormenta. 7, Contraction da preposição de e o artigo as. 8, quadrúpede, muiuo vagaroso no andar. 9, sigdificando aquela.



M. CABRAL CALVET MAGALHÃES

Fig. 3

# OS DITOS DE CARLITOS



POR ALBERTO

DESENHO DE E. MALTA

Carlitos  
Sempre tem ditos!...

— O' Mãezinha, ouve lá, mas sério, sério:  
Sempre foi o Senhor, o Pai do Céu,  
Que fez a gente?  
(E o seu olhar, mais fundo que um mistério,  
Parece incandescente!)

Sim... havia de ser o Pai do Céu...  
A mamã disse, e a mamã não mente.

Ha um silêncio em que Bêbé medita.  
Oh, que coisa tão exquisita  
E má de compreender!

Ainda se a Mamã lh'o explicasse...  
Mas ela só responde: — «A gente nasce  
Porque o Senhor nos cria — é Deus que quer».  
E o seu olhar, inteligente, abstracto,  
Voa no pensamento do Bêbé.  
— Se tudo o que êle pensa fôr exacto,  
Que mau de compreender tudo isto é!

O' Mãezinha ouve lá: — Os passarinhos,  
Que fazem ninhos

Pelo jardim,  
Põem ovinhos  
Pequeninhos,  
Pois não é assim?

Chocam depois êsses ovitos  
E é assim que nascem os passaritos  
Pequeninitos...  
Não é assim?

E os pombinhos que temos no pombal,  
Também fazem assim. São tal e qual  
Como os pardais e os passarinhos;  
Põem os ovos, chocam-os depois,  
E é assim que nascem os borrachinhos,  
E os pintainhos pois também já vi,  
Desta forma nasceram os patinhos;  
Picam os ovos com os biquinhos  
Pi... pi... pi... pi...  
Que engraçadinhos!

— «Tudo percebes já regularmente!»  
— O' Mãezinha, desvenda êste mistério  
Que está por pouco:

Então se é o Senhor que faz a gente,  
Dize lá, ó Mamã, mas sério, sério,  
Também põe ovos? Também está no chôco?»

F I M